

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 88 — Domingo, 13 de Fevereiro de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

BONS IMPRESSOS
E CABINHOS

NA —

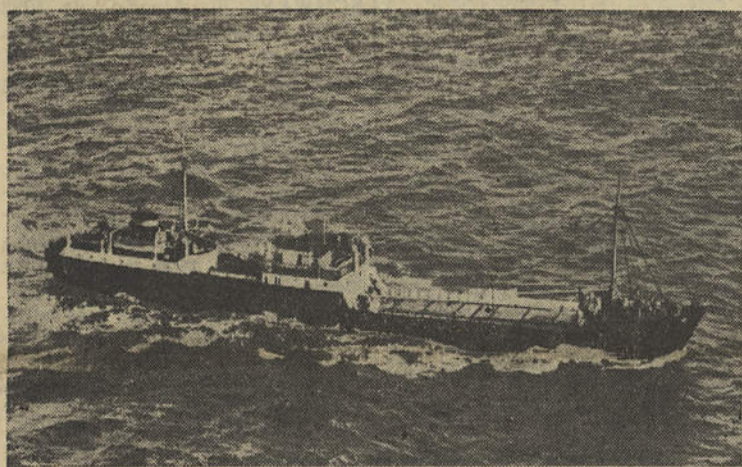
TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Telefone 59 Apartado 3

AVENÇA



O navio alemão «LATONA», de 1.126 ton., demandando a barra do Guadiana.

O NOSSO INQUÉRITO

“ESTE PORTO É ÓPTIMO SOB QUALQUER ASPECTO”

— declara o cap. A. Marchione

«O TRABALHO DO VOSSO PORTO PODE COMPARAR-SE AO DOS MELHORES PORTOS QUE CONHEÇO»

— afirma o cap. W. Schaefer

«AJUDA-TE, e Deus te ajudará» diziam os antigos, querendo significar assim que é o trabalho aturado, em primeiro lugar, e a consciência do próprio mérito, em seguida, que deverão servir de pedras angulares de qualquer esforço que vise a construir uma obra eficaz e duradoura.

Este conceito vale não só para os empreendimentos privados dos homens, como vale também para a vida das localidades, das províncias e das nações — todas participantes, como são, do vasto agregado social, e sujeitas, portanto, às mesmas leis da evolução humana.

Na luta impiedosa que se verifica no campo das técnicas, em que tudo procura renovar-se, no objectivo de progredir e alcançar melhores posições que os concorrentes, quem se atrazou ou estagna pode considerar-se morto. Assim como aquele que tendo algum valor mas, por um complexo inferiorizante, parece ser de infima utilidade, também virá a ser fatalmente esmagado pelo inexorável predomínio dos mais conscientes e melhor apetrechados para o combate da vida.

«A ESCOLA NOVA»

COMPLETOU o quinto ano de existência este nosso prezado colega, propriedade da Associação dos Alunos da Escola do Magistério Primário de Faro, que se publica naquela cidade.

Apresentamos-lhe, por tal motivo, cumprimentos de felicitações, com votos de muitas prosperidades e de muito mais longa vida.

A ASSEMBLEIA GERAL DO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

EFFECTUOU-SE, no passado dia 5 do corrente, na respectiva Sede Social e sob a presidência do senhor prof. doutor Armando Monteiro, a Assembleia Geral Ordinária do Banco Português do Atlântico, para apreciar o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1954, e eleger os Corpos Gerentes para o triénio de 1955/57.

Aberta a sessão, o accionista sr. Pedro Maria da Fonseca, com o apoio de toda a Assembleia, congratulou-se pela presença do sr. prof. doutor Armando Monteiro, tendo este agradecido e apresentado, a seguir, um voto de pesar da Assembleia do Banco Português do Atlântico pelo falecimento do sr. dr. Ricardo do Espírito Santo que, disse, deu à Banca Portuguesa uma força de prestígio invulgar. O sr. Cupertino de Miranda, em nome do Conselho de Administração, apoiou, sentidamente, as palavras do sr. presidente.

Foi concedida a palavra, a seguir,

ao sr. Pedro Maria da Fonseca, que destacou a marcha ascensional do Banco Português do Atlântico. O presidente do Conselho de Administração, sr. Artur Cupertino de Miranda, apresentou à Assembleia

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

O RISO DA SEMANA



UM GATO (para o outro) — Achas que ela vai afogar alguns?

De vez em quando...

A CAMPANHA

É AINDA o «Noticias do Algarve», o porta-voz da minha província junto de mim, que me dá a consoladora notícia da boa posição dela, e dentro dela do lugar de relevo alcançado pelo meu concelho, na Campanha de Educação de Adultos.

Felicito os meus colegas pelo bom êxito obtido pelos seus persistentes esforços, e em relação ao meu concelho, felicito-me também, porque, ainda que remotamente, alguma coisa de ter contribuído para isso, pela criação que promovi de escolas e, principalmente, de postos escolares.

E recordo — não o faço por vaidade — que as primeiras escolas móveis, que ali funcionaram, foram criadas por minha indicação.

Dos que ali trabalharam comigo, já nenhum lá exerce. Aposentaram-se uns, vieram para longe outros, e alguns já abalaram, na caminhada definitiva. A todos recordo com comovida saudade.

Val a idade e a distância lidando arestas e nimbando com uma poalha de saudade tudo o que passou.

Marcha, assim, a Campanha em triunfo. São agora mais clamorosos os seus resultados; os de futuro serão mais profícuos, se se não transigir.

E agora mais prementemente

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

PANORAMA DO MUNDO

Por FERNANDO MORAIS

A MAIOR DESCOBERTA

ACABA de anunciar-se uma sensacional descoberta, porventura a de maior projecção que concebemos, neste século de surpresas constantes: ter-se-ia, já conseguido obter, em laboratório, a fotossíntese artificial.

Aos leitores, menos familiarizados com as ciências químico-biológicas daremos, em breves traços, a simula do que isso representa. Trata-se da solução do maior problema que angustiava a humanidade, isto é, o de alimentar, no futuro, uma população sempre crescente, com os limitados recursos da terra, enquanto a Química não nos facultasse a fórmula mágica, que viesse suprir o que tem sido encargo quase exclusivo do Reino Vegetal. Mesmo o alimento em regime carnívoro mais não é do que a substância vegetal das forragens transformada, por assimilação, em proteína animal. Portanto, quando ingerimos carne, estamos a co-

mer, indirectamente, alimentos vegetais.

Mas, donde provém o poder energético com que as plantas

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

CASTELHANOS E PORTUGUESES

Pelo Major SOUSA NUNES

ÉIS o que restava, depois da queda dos Impérios Romano e Visigodo, das duas raças fortes que primeiro habitaram a Espanha — os Iberos e Lusitanos.

Um e outro povo conservavam ainda intactas aquelas altíssimas qualidades, que vieram a fazer deles dois dos mais gloriosos povos da Europa, dando ao mundo novos mundos, que nenhuma força de homens destruiria.

Dessas velhas qualidades, a mais perseverante nos Iberos, consistia em fazer da Península uma única nação, absorvendo os Lusitanos, custasse o que custasse. Enquanto a norma destes foi sempre evitar toda a espécie de mistura no seu sangue de origem, o que levou historiadores, como Francisco Edwards e Deniker, a considerar-nos a raça mais pura da Europa.

Pelos fins do ano mil, estavam os castelhanos seguros de ver o seu velho sonho realizado! Leonese, portugueses e castelhanos formavam uma monarquia cristã em território da antiga Lusitânia!

Bastava passar a hegemonia de Leão para Castela, para ficar tudo feito. E isso que custava? Todavia, Afonso VII, que lhes conhecia todas as intenções, artes e manhas, num torneio que se deu a brincar, da sua parte, em Arcos de Vale de Vez, com D. Afonso Henriques, reconheceu-lhe a independência de Portugal, em 1140, e Castela ficou ludibriada. Mas

não desanimou; não era gente para isso.

Afonso VII morreu de uma angina, em 1157, e seu filho D. Sancho reclamou Castela, como herança, sendo-lhe concedida. D. Fernando ficou com Leão, e um dos seus primeiros cuidados foi o de pedir a mão de uma sua filha ao rei de Portugal, e com ela uma aliança de família, contra as ambições de Castela.

O rei Afonso VIII daquele país (D. Sancho só viveu um ano), levou o Santo Padre a desfazer o casamento, por serem os noivos primos, atirando com as culpas para cima de Leão. D. Afonso Henriques, tão mau político quanto bom guerreiro, declarou guer-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

General LEONEL VIEIRA

FOI agraciado com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Aviz o nosso ilustre comprovinciano e estimado assinante, sr. general Leonel Neto de Lima Vieira, Governador Militar de Lisboa.

Por tão honrosa e justa distinção, apresentamos ao sr. general Leonel Vieira as nossas felicitações.

ESTUDOS ALGARVIOS

SUBSÍDIOS PARA UMA MONOGRAFIA DO ALGARVE

É MOTIVO de orgulho para todos os algarvios o prestígio de que disfruta hoje a sua Casa Regional em Lisboa.

Um dos sectores em que

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

AUTO-APRECIACÃO

A justiça bem compreendida por nós deve começar. Se não nos fica bem louvarmo-nos sem conta, peso, nem medida, impedidos por um impertinente narcisismo, não nos fica melhor despejarmos sobre nós próprios grossos punhados de cinzas, de nós dizendo o que Mafoma disse do toucinho.

Procuramos ser equitativos conosco. Nós sempre contra nós, é sandice. Nós sempre por nós, é idiotice. Qualidades, se as tivermos, não zombemos delas. Defeitos, se os tivermos, não nos enanoremos deles. Tenhamos a coragem da modestia, como quem diz, a virtude dos modos (est modus in rebus...), que nos manda aceitar-nos como somos, sem exageros para cima, nem para baixo.

Inconformismo importa que o haja — mas só com os nossos defeitos, para os sublimarmos num sentido construtivo.

O HOMEM QUE QUERIA

VENDER A CABEÇA

Certo dia, apareceu ao prof. J. A. Pires de Lima, no Instituto de Anatomia da Faculdade

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)



O sr. Egas Salgueiro discursando, na sessão solene realizada no Teatro Avelense, comemorativa das bodas de prata da Empresa de Pesca de Aveiro.

AS BODAS DE PRATA DE UMA IMPORTANTE ORGANIZAÇÃO DE PESCA

UMA CELEBRAÇÃO

QUE TAMBÉM NOS DIZ RESPEITO

AS actividades piscatórias do País não foram indiferentes as comemorações, há dias realizadas em Aveiro, para celebrar o vigésimo-quinto aniversário da Empresa de Pesca de Aveiro, uma das mais poderosas organizações de pesca da Nação, e aquela que mais tem contribuído, com as suas arrojadas iniciativas, para revolucionar os sistemas de pesca nacionais. Efectivamente, além das forças vivas da linda cidade da Ria,

que se ufana justamente de contar entre os seus valores económicos a poderosa Empresa, deram o seu concurso e o seu aplauso às celebrações os armadores portugueses e os elementos mais preponderantes dos organismos oficiais e oficializados das pescas. E nem outra coisa era de esperar, dado que a Empresa de Pesca de Aveiro pode considerar-se, no domínio das suas actividades, uma instituição nacional, tal a projecção das suas iniciativas, tal o

valor que representa para a economia da Nação.

Aproveitando as comemorações, as centenas de colaboradores da Empresa — capitães, pessoal dos escritórios, encarregados, pessoal fabril, marinheiros — num gesto muito simpático e que significava admiração e gratidão, homenagearam os administradores na pessoa do Administrador-Gerente, sr. Egas da Silva Salgueiro, o trabalhador infatigável, o homem extraor-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

BATALHAS DE FLORES

EM LOULÉ

CONFORME noticiámos no nosso último número, realizam-se, nos dias 20, 21 e 22 do corrente, as tradicionais festas de Carnaval em Loulé.

Segundo o programa estabelecido, estas originais festas tornam a ser, todos os anos, uma festa de são optimismo e bom humor. «Intervalo de prazer no grande «carroussel da vida», eis como é anunciada esta festa cheia, de cor e alegria, uma festa que por dias far-nos-á esquecer as tristezas desta vida.

Agradecemos à Comissão Executiva a gentileza que teve em enviar-nos um programa do Carnaval em Loulé.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

De Isla Cristina, onde passou algum tempo em casa de sua filha, regressou a esta vila a sr.^a D. Rita Morais Moreno.

Esteve em Faro, donde já regressou, o nosso amigo e estimado colaborador, sr. António Vicente Campinas.

Encontra-se nesta vila, a prestar serviço na agência do Banco Nacional Ultramarino, o nosso prezado assinante, sr. João lídio Setíbal.

Vimos nesta vila a sr.^a D. Afonsina Samúdio, aluna da Escola do Magistério Primário em Faro.

Encontra-se em Lisboa, a fim de embarcar para Luanda, onde vai fixar residência, o nosso prezado assinante e conterrâneo, sr. Rui Alves Pessanha.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o sr. D. Domingos Pereira Xavier, nosso estimado amigo e director de «Rádio Aiamonte».

Encontra-se, temporariamente, a residir em Vila Nova de Caxela, motivado pela sua vida comercial, o nosso prezado assinante, sr. Aníbal Beja de Sousa.

Nascimento

No passado dia 5 do corrente, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.^a D. Maria das Dores Eugénia Moita Gutierrez Reis, esposa do nosso assinante, sr. Manuel Aleixo dos Reis.

NOVOS ASSINANTES

Deu-nos o prazer da sua assinatura o nosso conterrâneo, sr. Norberto do Carmo Pessanha, em Póvoa de Varzim, por intermédio do nosso estimado assinante e conterrâneo sr. Manuel Samúdio.

AUXÍLIO AOS PESCADORES

de Olhão

DURANTE O DEFESO

NUM belo testemunho de interesse pelos problemas de ordem económica dos pescadores de Olhão, o sr. comandante José Justiniano do Nascimento tomou a iniciativa de elaborar um estudo básico para que, na época do defeso, a classe piscatória, além do que lhe é devido em meios de assistência pela Casa dos Pescadores e pela respectiva Junta Central, tivesse, nos meses de Janeiro a Março do corrente ano, determinada verba suplementar do «Fundo de Auxílio aos Pescadores».

Assim, dando cumprimento ao problema tratado pela «Secção de Vendagem» da Junta Central, no fim do corrente mês, serão distribuídos na Casa dos Pescadores os quantitativos respeitantes à safra que os marítimos tiveram.

Falecimentos

Eugénia Rodrigues de Almeida

No dia 6 do corrente, faleceu nesta vila, com 95 anos de idade, a sr.^a D. Eugénia Rodrigues de Almeida, viúva, antiga funcionária da Alfândega, natural desta freguesia.

A finada, cujo funeral foi muito concorrido, era mãe da sr.^a D. Carlota de Almeida Barbosa e do sr. Francisco de Almeida Mortágua, e sogra do nosso prezado amigo e assinante, sr. João Ribeiro Barbosa.

José António Isabel Cristo

No hospital desta vila, faleceu, em 10 do corrente, o sr. José Antonio Isabel Cristo, solteiro, de 19 anos, empregado comercial, natural de Caxela.

O extinto era filho do sr. José Cristo e da sr.^a D. Maria Isabel. Estes funerais estiveram a cargo da «Agência Patrocínio».

José Viegas Santana

No dia 6 do corrente, faleceu nesta vila o sr. José Viegas Santana, de 79 anos de idade, natural de Moncarapacho.

O finado deixa viúva a sr.^a D. Alexandrina da Conceição, e era pai das sr.^{as} D. Albertina Viegas, D. Laurinda Viegas, D. Maria José da Conceição Toledo, D. Maria Palmira Viegas Fernandes, e dos srs. José Eduardo, Manuel José e António Viegas Santana.

As famílias enlutadas, «Notícias do Algarve» apresenta sentidas condolências.

A NOSSA TERRA

e a Instrução

Foi premiado um distinto aluno vilarrealense

AO aluno do 1.º ciclo do Externato Nacional desta vila, Mário José de Almeida Lança, de 13 anos de idade, foi atribuído o 5.º prémio pecuniário, no valor de Esc. 500\$00, instituído pelo Grémio Nacional dos Estabelecimentos de Ensino Particular, e destinado aos estudantes que em cada ano sejam melhores classificados nos exames de cada um dos ciclos liceais.

E' com muito gosto que dirigimos ao aluno galardoado, bem como a seus pais, sr. Mário Antunes Lança, nosso prezado amigo e assinante, e sua esposa, sr.^a D. Orlanda de Almeida Lança, as nossas efusivas felicitações.

Escola Primária das Hortas

Consta-nos, de fonte bem informada, que vai ser posto a funcionar, muito em breve, o novo edifício escolar, há pouco terminado, no sítio do Monte Tamissa (Hortas), desta freguesia.

Quanto ao antigo prédio onde a mesma escola primária tem funcionado até agora, parece que será também aproveitado, depois de sofrer as urgentes reparações de que carece, para desorganizar a frequência de alunos arrabaldoiros entre Monte Gordo e a Vila.

Estudos Algarvios

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

pelo processo auditivo, toda a estrutura de um trabalho que desejem conservar.

Nestas circunstâncias, e tendo em conta que os estudos realizados na Casa do Algarve poderiam constituir uma bibliografia regional de inegável valor, deliberou a Comissão Cultural propor à Direcção uma forma de se promover a publicação oportuna de tais estudos.

Seria desnecessário frisar, desde já, que um projecto desta responsabilidade, pelas verbas que naturalmente há-de mobilizar, requer o melhor acolhimento por parte de todos os algarvios e entidades a quem a iniciativa não pode deixar de interessar.

Os trabalhos a publicar, cuidadosamente escolhidos pela Comissão Cultural, serão, evidentemente, postos à venda nas livrarias, mas a experiência ensina que é imprudente confiar exclusivamente no comprador anónimo.

A Comissão Cultural apela, por isso, para o sentimento regionalista de todos os algarvios, pedindo-lhes que reconheçam o mérito do plano que se pretende executar, e que bem poderá ser o ponto de partida para a definitiva organização da completa MONOGRAFIA DO ALGARVE, que de há muito se projecta e tão necessária é.

O preço, por exemplar, de cada trabalho, não deverá exceder quinze escudos, diminuindo à medida que o número de assinantes aumentará.

Antecipadamente se agradece que todos os pedidos de assinantes, sejam, sem delongas, dirigidos à Casa do Algarve, Comissão Cultural, rua Capelo, 5-2.º — Lisboa.

Agradecimento

Sérgio Viegas Belo, pedindo desculpa de ferir a modestia de S. Ex.^{ma}, vem cumprir o grato dever de manifestar o seu agradecimento pela forma proficiente e carinhosa como foi tratado, na sua recente enfermidade, pelo Ex.^{mo} sr. dr. Jacques Resina, médico da companhia de seguros «A Mundial», e bem assim ao sr. chefe de Enfermagem e restante pessoal do hospital daquela companhia, onde esteve internado.

Especializa, na sua gratidão, o distinto clínico desta vila, sr. dr. Albano de Lencastre, que lhe assistiu carinhosamente, antes de seguir para Lisboa.

O SABER NÃO OCUPA LUGAR

A ÁGUA

PARA muita gente é a água o remédio divino que cura todas as doenças. Corre, a propósito, a prescrição popular: «água interna, externa e eternamente». Sem exagerar-lhe as virtudes, não há que negar que a hidroterapia representa um dos mais valiosos recursos terapêuticos. A água, internamente, favorece a dissolução e eliminação dos resíduos, sendo ex e auto-tóxicos; externamente, além das vantagens higiénicas conhecidas, tem as de estimular e tonificar o organismo, ou mesmo de acalmar certas dorsões nervosas, quando usada sob a forma de banhos mornos.

Também há pessoas que lhe têm aversão; algumas não a querem para banho, supondo que este «enfraquece», só o usando, excepcionalmente, uma ou duas vezes ao ano; outras não o aceitam para bebida, e outras, ainda, para ambas as coisas. Para as primeiras, pois, a água não convém «porque enfraquece»; para as segundas, «porque é perigosa»; para as terceiras, «porque mata».

Certos cientistas advertem que a água, em certos casos, «pode ser nociva à saúde», a menos que se consuma de certo modo e a horas determinadas.

O que se não pode negar é que «tudo em excesso é prejudicial, mesmo a água», como ficou provado pelos estudos levados a termo na Fundação Mayo, por Rowntree, a propósito de envenenamento por este precioso líquido.

Depois de numerosas experiências, tanto em homens como em animais, verificou que a água ingerida em excesso, em relação à capacidade do organismo para eliminá-la, dá lugar a manifestações de verdadeira intoxicação, com a consequência clássica de sintomas tóxicos.

Segundo Rowntree, a intoxicação aquosa traduz-se por «inquietação, astenia, poliúria, polakiúria, sialorréia, náuseas, vômitos, tremores e contracturas musculares, ataxia, convulsões tónicas e clónicas, espuma na boca, ansiedade, coma, etc.».

Não há dúvida, também a água é veneno...

Não são raras as epidemias de febre tifóide, de disenterias registadas em certas regiões e cuja origem está na água de bebida. Às vezes, são devidas à contaminação do abastecimento, outras, poluição das águas de rios e arroios ou dos poços.

Nem sempre a limpidez da água significa pureza. Em muitos casos, os rios, arroios, nascentes, são poluídos pelos resíduos de esgotos das privadas, por águas servidas, ou por dejectos humanos ou de animais, levados pelo vento, pela chuva e por vários outros meios.

Por todos estes motivos, não convém beber água sem se ter a certeza da sua pureza.

As águas dos rios nunca devem ser utilizadas antes de fervidas ou filtradas, ou antes de prévio e cuidadoso tratamento por processos especiais de purificação.

Um sistema rotineiro e condenável é a utilização de água dos poços, como geralmente se faz em quase todo o país. Não devia ser permitido o velho sistema de tirar água dos poços por meio do clássico balde, preso a uma corda. Nessas, a água não só é contaminada pelas mãos de quem maneja o balde, como pelas poeiras, insectos e animais que neles caem, dada a falta de cobertura, como pelas águas sujas infiltradas através os seus rebordos, provenientes das que são derramadas ou das de chuva, empoçadas.

Segundo o conselho unânime dos higienistas, os poços devem ser cobertos, perfeitamente bem fechados, e a água tirada por meio de bomba. Torna-se indispensável que ele seja circundado, exteriormente, por um chão protector de tijolos e cimento, na largura de 1/2 a 1 metro, a fim de evitar a penetração no poço da água derramada ou das chuvas empoçadas em seu redor.

Outro conselho muito importante é não abrir poços em local

de nível inferior ao da casa, da cocheira, da fossa, para evitar que a eles vão ter as águas do lençol de água contaminada pelas infiltrações, através de rachaduras do terreno.

* * *

A água, para ser potável, deve ter gosto agradável, não ser dura, não conter germes e parasitas nocivos. Deve ser inodora, sobretudo no que respeita à putrefacção; não ser misturada a resíduos de fábricas ou de esgotos; ser insípida, não apresentando gosto dos compostos de ferro e manganésio, ou gosto que denote presença de substâncias estranhas, e bem assim, ser transparente, desprovida de qualquer coloração.

A dureza da água depende da sua riqueza em sais de cal e magnésia, provenientes de rochas sublimadas pela acção de CO₂ ou de matérias fecais e urina. Tais águas, mesmo depois de fervidas, são inconvenientes, não se prestando para a decoção dos alimentos, especialmente legumes, como para fazer café ou chá, visto darem-se combinações dos sais cálcicos com os elementos que lhe são próprios.

A água muito fina, isto é, pouco mineralizada, não é agradável, porque tem gosto bastante insoportável. Quanto ao facto de se atribuir a causa de cáries dentárias ao uso destas águas desmineralizadas, não está ainda bem esclarecido.

* * *

De acordo com os ensinamentos de Flugge, antes de se aceitar uma água como boa para bebida, é necessário submetê-la a verificação preliminar, que compreende: o exame prévio, a análise química, o estudo micrográfico, a análise bacteriológica e a inspecção local.

Naturalmente, em certas regiões, como em fazendas onde existem mananciais provenientes de zonas completamente desabitadas, de plena mata, do coração de florestas, de colinas onde não há o menor perigo de contaminação, as águas não requerem exames tão detalhados, bastando criterioso exame do local, captação em ponto convenientemente escolhido e, em certos casos, construção de caixas de decantação ou de distribuição, perfeitamente protegidas.

Para o abastecimento em larga escala, as exigências sanitárias são complexas e as obras só podem ser executadas por especialistas.

Pelo exame prévio da água, verificam-se as suas qualidades organolépticas, particularidades gustativas, a coloração e transparência, a temperatura. Pela análise química, investiga-se a existência de ferro, de chumbo, de arsénico, de manganésio, o grau de dureza, etc. Tem muita importância a verificação da percentagem de matéria orgânica dissolvida na água. Desse modo, têm-se elementos para suspeitar se a água contém ou não agentes infecciosos específicos. Pelo exame micrográfico, procedido no sedimento da água repousada por mais de 14 horas, verifica-se a existência de elementos minerais, restos orgânicos, vegetais e animais, ovos de vermes intestinais, etc.

Com a análise bacteriológica, completam-se as informações indispensáveis. Fazem-se, para isso, colheitas cuidadosas de amostras a examinar, as quais se destinam a uma série complexa de outros exames de identificação bacteriológica.

Está triste?

A vida corre-lhe mal?

LEXA

«CARA ALEGRE»

Revista de BOM HUMOR

PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 15 DE CADA MÊS

Apenas por 4\$00, obterá boa disposição por 15 dias.

PANORAMA DO MUNDO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

alimentícias nos mantêm a actividade e o ritmo fisiológico? E' o Sol que o fornece, e as plantas captam-no através da sua clorofila, por um processo que os químicos denominam Fotosíntese. Era a descoberta da chave deste misterioso processo, natural em quase todos os vegetais, que constituía de há muito a «pedra filosofal» dos modernos investigadores científicos, e que dizem ter sido finalmente encontrada agora.

A ser exacta a notícia, abrem-se incalculáveis perspectivas ao porvir do género humano, o que redundará num reajustamento de valores e numa radical transformação da estrutura social do mundo, visto que toda a nossa organização tem sido baseada na posse e aproveitamento da terra, como principal meio de produção, e nas contingências das culturas.

Depois da utilização do fogo e dos metais, da invenção da roda, da electricidade e da energia atómica — marcos militários no desenvolvimento do «homo sapiens» — parece-nos ser esta descoberta a maior de todas. Para nosso conforto e progresso técnico, já sabemos aproveitar a energia solar: primeiro através da hulha e do petróleo, e depois, nas centrais hidro-eléctricas, mas, no tocante a produzir alimentos, havia que atermos-nos ao que o solo dava, só nos restando a adubação, como factor de melhoria, sem que assim ficasse resolvida a maior dificuldade, quando a terra um dia se revelasse insuficiente para nutrir uma população excessiva. Daí os neomalthusianismos e planificações demográficas, como paliativos de moralidade duvidosa, mas inoperantes.

Agora, resta-nos saber quem chegará a tempo de ganhar a corrida do progresso — se os poderes e inventos benéficos ou as forças destrutivas...

DESTINOS

FOI deveras chocante a notícia, divulgada há pouco, de ter morrido em sua casa, por fractura da coluna vertebral devida a ter caído da cama em que dormia, um famoso herói da guerra, o célebre major-aviador Davis.

Este caso fez-nos recordar um outro semelhante, mas da primeira guerra, e passado com um oficial português do C. E. P., que tinha enfrentado a morte no «front» e saíra salvo do 9 de Abril.

Quando, após o armistício, ele se aprestava a regressar a Portugal, já no caminho entre o hotel e a estação, em Paris, desprende-se a cornija dum prédio, no momento em que o oficial ali passava, dando-lhe morte instantânea.

Acidentes estúpidos, costumasse chamar a isto, como se houvesse algum desastre inteligente...

Se este nosso compatriota ou aquele famoso ás de cem combates aéreos morresse dum bala ou cabonizados, em plena luta bélica, então seria natural e lógico. Senão, tudo se espanta.

Será, pois, forçoso que um bombeiro sucumba no fogo, ou o marinheiro pereça no mar, para que digamos estúpida uma morte diversa da esperada num risco habitual? Onde está o homem está o perigo.

E ocorre-nos agora, também a talhe de foice, um outro caso dum velho, que não saía de casa, com receio dos automóveis. Pois um dia, estando ela deitada na cama, num rés-do-chão, um grande camião de carga abalroou o prédio e entrou-lhe pelo quarto dentro, matando-a.

Coincidência estúpida, dirão alguns; coisas do acaso, pensarão outros; era destino dela morrer atropelada, será o que muitos afirmam, parafraseando o «Estava escrito!» do Alcorão.

E' a vida, dizemos nós.

F. Morais

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

De 5 a 11 de Fevereiro:

Entrados:

FAUNA, Alemão, de 1280 ton., de Sevilha, com carga em trânsito.
RUHRORT, Alemão, de 1805 ton., de Cádiz, com carga em trânsito.
SCHWANECK, Alemão, de 1298 ton., de La Laja, com pirites, em trânsito.
LAUPEN, Suíço, de 468 ton., de Tânger, viazo.

Saídos:

FAUNA, Alemão, com conservas, amêndoa e alfarroba, para Antuérpia, Bremen e Hamburgo.
RUHRORT, Alemão, com alfarroba e conservas, para Hamburgo e Roterão.
SCHWANECK, Alemão, com cortiça e alfarroba, para Hamburgo e Bremen.
LAUPEN, Suíço, com conservas, para Génova.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 12 a 18 de Fevereiro, a Farmácia CARMO, Rua São João de Brito - Telefone 31.

Atropelamento

Foi atropelado, no sítio de Vale de Pão e A'gua, freguesia de Castro Marim, por uma bicicleta conduzida por Joaquim Leandro Rodrigues Marques, casado, motorista marítimo, residente na Fuzeta, José Rodrigues Madeira, viúvo, agricultor, de 63 anos de idade, residente na Altura, o qual, depois de tratado no hospital de Castro Marim pelo sr. dr. José Afonso Gomes, foi por este médico mandado apresentar no Hospital Civil de Faro, onde ficou internado, devido ao seu estado grave.

CINE-FOZ

Apresenta, Terça-feira, 15, um grandioso drama, em Têcnicolor, Inferno abaixo de zero, com Alan Ladd e Joan Tetzel. O filme descreve-nos o romance inesquecível dos pescadores de baleia, inteiramente filmado nas inóspitas regiões do Antártico.
(Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República

Telefone 12

A ILUSTRADORA LIMITADA

Rua de S. Paulo 232

LISBOA

TELEF: 25764

FOTO-ZINCO

TRICROMIA

FOTOGRAVURA

ZINCO-GRAVURA

E

DESENHO

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

RELÓGIOS - RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre

BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL

SÓ NA ANTIGA CASA

RAMOS & MATEUS

R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

Banco Português do Atlântico

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

bleia uma minuciosa exposição da situação económica e financeira mundial e nacional do ano de 1954. Focando vários temas da economia nacional, o orador acentuou a melhoria, verificada em 1954, do comércio internacional, o desaparecimento da depressão norte-americana e o fortalecimento das economias dos países europeus que conquistaram uma relativa independência em face da economia estadunidense. Este facto, afirmou o senhor Cupertino de Miranda, permitiu começar a pensar-se no regresso à convertibilidade das moedas e dar um grande passo em frente no sentido da libertação do comércio entre os povos.

Seguidamente, foram analisadas a Produção Agrícola, a Pesca, o Produto Nacional Bruto, a Produção Industrial, sobretudo a da energia eléctrica, o Comércio Externo e o Comércio Ultramarino. Como sempre, o sr. Cupertino de Miranda prestou particular atenção às nossas relações comerciais com o Brasil, afirmando:

«A tendência para o equilíbrio assinalou-se a um baixo nível de negócios, não obstante o esforço de boa vontade, que prosseguiu por parte do Estado Português, para justificar, sem prejuízo para o Ultramar, as compras de produtos brasileiros no regime aduaneiro de favor que lhes foi excepcionalmente criado.»

Referiu-se à actual crise económica do Brasil que, disse, nenhum português pode deixar de ver conjurada e vencida.

Tratou em seguida da Balança de Pagamentos, dos Índices dos preços e do Panorama Financeiro, dizendo a propósito: «Portugal pode ser, de facto, considerado um exemplo de Administração Financeira, pelo acerto dos cálculos em que assenta os seus orçamentos, pela firmeza dos objectivos visados e pela comprovada eficiência da doutrina que informa essa administração.»

Analisou o mercado monetário e o movimento crescente das Bolsas Portuguesas, afirmando que o abandono do entesouramento e o gosto pelo investimento despertado pelas grandes possibilidades das Empresas Ultramarinas, dos Bancos, das Companhias de Seguros e das Hidro-Eléctricas, ao abrigo de uma moeda cuja robustez é indiscutível, produto da política financeira, firme e operante, do eminente ministro das Finanças, prof. doutor Aguedo de Oliveira, são outros tantos motivos da intensificação das operações bolsistas, com a resultante alta de cotações.

O sr. Cupertino de Miranda abordou ainda a evolução do mercado de capitais, o Crédito, as Finanças Públicas, destacando que a situação de desafogo, de que o Tesouro Público tem beneficiado nos últimos

anos, se reforçou notavelmente durante 1954. Por fim, o presidente do Conselho de Administração referiu-se à actividade do Banco Português do Atlântico em 1944. O Banco descontou 451.815 letras representando uma média de 8 000 contos por dia. Os seus depósitos à ordem ultrapassaram um milhão de contos.

O trabalho do sr. Cupertino de Miranda foi objecto de largos elogios por parte da Assembleia e do seu presidente, propondo este que o mesmo seja publicado, para mais amplo conhecimento do público.

Foram aprovados os Relatórios, Balanço e Contas da Administração e a proposta de distribuição de lucros. O Banco eleva os seus fundos de reserva para 40 mil contos, e distribui de dividendo 4.000.000\$, ou seja 80500 por acção.

A Assembleia elegeu os corpos gerentes para o triénio de 1955, 57, que ficaram assim compostos:

Assembleia Geral: presidente, prof. dr. Armando Monteiro; vice-presidente, dr. Tito Castelo Branco Arantes; 1.º secretário, Francisco Meira Veloso; 2.º secretário, José Carvalho da Fonseca Júnior; 1.º vice-secretário, Alberto Fonseca Figueiredo e 2.º vice-secretário, Alberto Augusto Pinto Félix.

Conselho de Administração: presidente, Arthur Cupertino de Miranda; vogais: dr. Acácio Domingos Barreiro, dr. Alberto Pedrosa Pires de Lima, Braz Cabrita de Almeida Conde, João António Gomes de Castro (Conde de Castro), eng. João Carlos Sobral Meireles, Joaquim Vinhas Cabrita, dr. João de Castro Corte-Real (Conde de Fijó), e Sylvio Artur da Silva Perdigão.

Conselho Fiscal: presidente: dr. José Nosolini; dr. Albano Camilo Pereira Dias de Magalhães, Alfredo Ferreira, António Albuquerque de Sousa Lara, Visconde de Asseca, João Ildefonso Bortaldo e dr. José Chaves Ferreira.

Pelo Tribunal

Procedeu-se, no passado dia 1, ao julgamento, em Tribunal Colectivo, de Manuel António Guerreiro, casado, de 39 anos de idade, residente no Monte dos Relvais, freguesia de Martinlongo, o qual vinha acusado do crime de homicídio voluntário na pessoa de seu cunhado José Lopes Rosa, solteiro, de 43 anos, residente no aludido lugar do Monte dos Relvais.

Provou a defesa que a morte da infeliz vítima resultou ocasionalmente das lesões apresentadas, por peritonite, sendo por isso imputado ao referido réu o crime de ofensas corporais voluntárias, sem intenção de matar.

Por decisão do mesmo Tribunal, foi o réu condenado na pena de 4 anos e 6 meses de prisão maior.

CAMPEONATO NACIONAL da II Divisão (Zona Sul)

FARENSE, 2 - PORTIMONENSE, 0
Actuou-se com grande entusiasmo mas jogou-se pouco futebol...

Quando o árbitro desta partida, senhor António Calheiros, cujo trabalho, não obstante os protestos do público de Faro, satisfiz sob todos os aspectos, assinalou o final do encontro entre os rivais algarvios de Faro e Portimão, uma dúvida ficou a pairar no nosso espírito. E essa dúvida consiste em saber qual teria sido o desfecho da contenda se os farenses não têm logrado aquele segundo golo, nitidamente contra a corrente do jogo, com sérias culpas para a defesa visitante e quando ainda faltavam 5 minutos para o final.

Com efeito, se o Portimonense tem sabido cerrar fileiras na sua grande área, quando os dianteiros pareciam bem lançados para a conquista da vitória, talvez os locais tivessem, no passado domingo, sofrido um dissabor, como aliás já estão acostumados.

E' que naquela altura os visitantes disfrutavam de nitido ascendente, e se os seus esforços têm sido coroados de êxito, o Farense dificilmente poderia ganhar o encontro. Na verdade houve muitas oportunidades de golo duma e outra parte, que não foram aproveitadas, como era lógico e racional, embora não tivesse deixado de haver o entusiasmo que é próprio entre comprouvianos.

Em todo o caso, não podemos tirar o mérito à vitória local. O triunfo assenta-lhe bem. Conquistou-o com alguma «chance», é certo, mas soube defendê-lo.

Mas, repetimos, o 2.º golo, contra a corrente de jogo, e quando somente venciam por 1-0, surgiu na melhor altura e foi esse, indiscutivelmente, o facto decisivo da partida.

O jogo foi disputado com energia e valentia.

O campo registava boa enchente.

ORIENTAL, 4 - OLHANENSE, 1
O melhor futebol pertenceu ao grupo algarvio

O Olhanense trouxe da sua deslocação ao campo do Pragal, onde defrontou o «leader» da classificação, uma pesada derrota, que não está de harmonia com o jogo desenvolvido por ambos os grupos. No entanto, assim aconteceu, e não há outro remédio senão aceitá-lo.

O resultado, como já acima declaramos, não espelha as dificuldades que o Oriental encontrou para alcançar três golos de vantagem. O Olhanense jogou como no domingo anterior frente ao Montemor, mas não teve o factor sorte pelo seu lado, pois teve cinco remates que embateram na trave. Não há dúvidas de que a equipa de Olhão está a progredir. Parabéns, pois, aos rapazes do S. C. Olhanense.

Campeonato Nacional de juniores

Hoje, em Évora, o Olhanense defronta o Lusitano local, e o Lagos desloca-se a Beja, defrontando, também, o grupo local. O vencedor deste torneio, de que fazem parte o Desportivo de Beja, Lusitano de Évora, Esperança de Lagos e Olhanense, jogarão com os apurados de Lisboa.

Herouliano Valente

APARELHO DE "PONTO TURCO"

Vende-se, em estado de novo. Dirigir à Rua Sousa Martins, 145 - Vila Real de Santo António.



DESPORTO FUTEBOL HOMENAGEM QUE SE IMPUNHA

João Vasques e José de Almeida, os dois valerosos elementos que formaram a asa direita da famosa equipa do Lusitano de 1947, tiveram, no dia 80 de Janeiro fiado, o justo prémio da sua dedicação ao futebol e ao clube que defenderam.

Numa atitude digna de todo o apreço, reveladora da mais elevada compreensão desportiva, aceitou o Barreirense fazer deslocar a sua equipa, prestando o apoio necessário para que se tornasse realidade o Dia que se impunha de há muito.

Saudamos daqui aquele Clube, reconhecidos pela assistência prestada aos homenageados, isenta de quaisquer encargos para estes, e por nos ter proporcionado um belo espectáculo, raro intra-muros, desde há alguns anos.

Englobamos, nas nossas saudações, os antigos elementos do Lusitano que se prontificaram a comparecer na festa dos colegas de equipa e que a ela deram o brilhantismo necessário.

Pudemos, assim, ver em actividade os veteranos David, Mortágua, Angelino e Calvino, alguns ainda alardeando o seu estilo característico, a par dos jovens Amílcar Cavém e D. Cavém, actualmente no Sporting da Covilhã.

A este clube e a Fernando Cabrita, valeroso internacional olhanense, actualmente na Covilhã, estendemos também as nossas saudações.

Fernando Cabrita soube compreender o significado da festa e o mérito de que se revestia, oferecendo a sua valiosa colaboração, o que tornou mais fácil a vinda dos manos Cavém e de Helder, que, acedendo gentilmente à solicitação dos homenageados, viu a sua colaboração recusada, mercê da intervenção do Lusitano, que não nos compete discutir.

Foi pena que Helder não tivesse alinhado, pois, juntamente com aqueles elementos, poderia constituir um grupo que ofereceria mais séria resistência ao conjunto que nos mandou o grupo do Barreiro, valorizando em muito o espectáculo.

O público, que encheu o campo «Francisco Gomes Socorro», soube tributar a Cabrita os seus agradecimentos, ovacionando-o com especial saudação, ao iniciar-se o encontro.

O festival teve início às 15 horas, com o desfile dos atletas de todos os clubes locais, Onze Unidos, de S. Braz, e União Castromarinense.

Com as equipas perfiladas frente à tribuna, foi feito o elogio dos homenageados, em alocação de António Augusto dos Santos, jornalista desportivo no Algarve, correspondente do Norte Desportivo.

Pelas 15,45 horas, teve início o encontro, sob a arbitragem de Norberto Cavém, tendo alinhado as equipas da seguinte forma:

Lusitano: Balbino; David, Mortágua e A. Cavém; Antunes e Cabrita; Almeida, Vasques, Angelino, Calvino e D. Cavém.

Misto Barreirense: Pinheiro; Reis, Rodrigues e C. Silva; R. Vale e Vasques; Amândio, Correia, Nina, Lage e Costa.

Aos 15 minutos, saíu Vasques e 5 minutos depois os veteranos David, Mortágua, Angelino e Calvino, sendo substituídos por Daniel, Natércio, Sanina, Ramires e Modesto. No segundo tempo, Rodrigues e Muñoz substituíram Balbino e Ramires.

O encontro decorreu de forma muito agradável, apesar do terreno molhado ter dificultado a exibição das duas equipas.

Nos primeiros minutos, enquanto jogaram os veteranos, foi visível a intenção dos barreirenses, não forçando o andamento e não disputando lances que exigiam o corpo a corpo, principalmente quando Vasques neles intervinha.

Depois do primeiro quarto de hora, a partida tomou a sua fisionomia natural, já bem disputada, embora ainda não desaparecesse totalmente o seu carácter amigável, registando-se com prazer a renúncia ao choque, em atitudes dignas de bons desportistas, a marcar o

indispensável respeito pela integridade física dos adversários.

Não perdendo o sentido do golo, as duas turmas ofereceram-nos períodos do bom futebol, tão afastados dos nossos campos nos últimos anos.

A turma barreirense, possuidora de conjunto mais afinado, subjugou o antagonista, mercê da maior simplicidade de movimentos, que facilitavam a sua missão, principalmente sobre terreno molhado, onde se torna difícil a progressão.

O Lusitano, recheado de bons elementos, não pode contar com aquele trunfo, perdendo-se as suas tentativas em esforços individuais, na forte defesa visitante.

Enquanto do lado vitorioso, aparte um ou outro elemento mais frágil, não se podem distinguir figuras, servindo todos sob a ideia do conjunto, embora possamos afirmar que os sectores mais fortes da equipa são os atrazados, no lado vencido brilharam a grande altura o internacional Fernando Cabrita e os manos Cavém, bem secundados pelos restantes.

Contudo, a movimentação dos locais não era tão progressiva, antes se tornou ineficaz, por motivo das retenções de bola em dribles e corridas.

Como consequência, assistimos à sua quebra física, a meio do segundo tempo, o que serviu aos barreirenses para imporem o seu domínio e concretizá-lo com golos, acabando a partida a vencer por dois tentos de diferença.

Marçaram tentos: Lage (2), Amândio e Correia, pelos visitantes; Cavém e Muñoz, pelos locais.

J. C.

Campeonato Nacional III DIVISÃO

Calendário dos jogos do Campeonato Nacional da III Divisão—Zona D (8.ª série).

1.º domingo — Lusitano Despertar; Silves-Moura; S. L. e Faro-S. Domingos.

2.º domingo — Despertar-Silves; S. Domingos-Lusitano; Moura-S. L. e Faro.

3.º domingo — S. L. e Faro-Despertar; Silves-Lusitano; S. Domingos-Moura.

4.º domingo — Despertar - Moura; Lusitano-S. L. e Faro; Silves-S. Domingos.

5.º domingo — S. Domingos-Despertar; Moura-Lusitano; S. L. e Faro-Silves.

Jogos para hoje:

Em Vila Real de Santo António: LUSITANO - DESPERTAR

Em Faro: S. L. FARO-S. DOMINGOS

Em Silves: SILVES - MOURA

Visado pela Comissão de Censura

A ELECTRO FABRIL

S. A. R. L.

Vila Real de Santo António

Aviso convocatório

De conformidade com o § 1.º do artigo 17.º dos Estatutos, convoco para o dia 7 de Março do corrente ano, pelas 17 horas, na sua sede, na Rua Barão de Rio Zézere, n.º 1, a Assembleia Geral Ordinária desta Empresa.

Não se verificando número legal para o funcionamento desta Assembleia, fica desde já convocada em 2.ª convocação para o dia 28 de Março do corrente ano, pelas 17 horas, a Assembleia Geral, que funcionará com qualquer número.

ORDEM DOS TRABALHOS

Discutir e votar sobre o relatório e contas da Gerência de 1954; deliberar sobre a execução do art. 13.º dos estatutos e deliberar sobre outros assuntos de interesse para a Empresa.

Vila Real de Santo António, 7 de Fevereiro de 1955.

O Presidente da Assembleia Geral, Emílio Garcia Ramirez

MUTUALIDADE POPULAR

Associação de Socorros Mútuos para legados de sobrevivência com sede em FARO

Perante a Direcção da Mutualidade Popular, Associação de Socorros Mútuos, com sede em Faro, correm êditos de 30 dias, a contar da data da 2.ª publicação deste anúncio, para habilitação dos herdeiros ao legado do sócio N.º 4.170, sr. Francisco Rodrigues Pereira, que foi empregado comercial, natural da freguesia de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António, onde era domiciliado, tendo falecido na Rua Sampaio Bruno da cidade do Porto, no dia 9 de Janeiro de 1955.

São por este meio convidados todos os interessados a requerer, dentro do prazo designado, o que julgarem do seu legítimo direito.

Faro, 1 de Fevereiro de 1955.

A DIRECÇÃO

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Convocatória para reunião da ASSEMBLEIA GERAL

São convidados todos os sócios desta Associação, a comparecerem na sede da mesma, no próximo dia 21, pelas 21 horas, a fim de se proceder à apresentação de contas da gerência do ano findo e à eleição dos novos corpos gerentes, para o corrente ano de 1955.

No caso da referida Assembleia Geral não poder ser realizada no dia e hora acima indicados, por falta de número de sócios, fica desde já feita a 2.ª convocação, para o mesmo dia, pelas 22 horas, funcionando nesta data, e à hora indicada, a Assembleia Geral, com qualquer número de sócios, em conformidade com os Estatutos.

Vila Real de Santo António, 13 de Fevereiro de 1955.

O Presidente da Assembleia Geral José António Ritta

TRANSPORTE DE MERCADORIAS

De LISBOA para o ALGARVE

Preços especiais para cargas completas de 5 1/2 - 6 - 7 1/2 - 8 1/2 e 11 toneladas.

No seu interesse, consulte a

CAMIONAGEM CONTINENTAL, L. DA

Av. 24 de Julho, 92-B

Rua 18 de Julho, 232

Telef. 662832 e 665962

Telef. 281 e 327

LISBOA

OLHAO

PREGISA-SE DE AGENTE EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Centro Comercial de Combustíveis, L. da

Avenida da República, 76 - A

TELEPHONE 164

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Fogões, Fogareiros, Esquentadores, Acumuladores de água quente, Frigoríficos, Caloríferos, Fogareiros portáteis, para campismo, praia e viagens, terrestres e marítimos.

Vendas a 6, 12, 18 e 24 prestações mensais.

A GAZ CIDLA

Não faz fumos nem ruídos, não suja a casa nem as vasilhas
Peça informações aos nossos consumidores.

BARCO DE PESCA

A vapor, muito económico, queimando lenha e carvão, 120 CV., com alvará, pesca à linha e respectivo aparelho, servindo para rebocador de rio, vende-se.

Tratar: Rua dos Sapateiros, 62-2.º - Lisboa.

Vinho da Adega Cooperativa de Tavira

EM GARRAFÕES DE 5 LITROS

Um esplêndido vinho de mesa da nossa região.

GARANTIDO PELA SUA PUREZA E PALADAR

Vende-se na casa «IMPÉRIO»

de DIAMANTINO M. BALTAZAR

Vila Real de Santo António

NOTICIAMOS, há meses, a criação dum Posto de Correio, nas Hortas, localizado no sítio do Monte Tamissa. Era este, sem dúvida, um melhoramento que se impunha efectivar naquele populoso subúrbio, e por isso registámos a notícia com prazer.

Acontece, porém, que na prática tal benefício já tem causado alguns prejuízos, o que parece paradoxal, mas não é. E explicamos porque:

Quando o posto não existia, todos os habitantes suburbanos tinham, na vila, alguma casa amiga para onde lhes era remetido o correio eventual. Quando o havia, mandava-se aviso ao interessado, e este vinha pela carta. Era primitivo, mas eficaz.

Actualmente, a correspondência (que pode ser um aviso bancário ou intimação forense) segue para o posto e... lá fica, porque se há pessoas que esperam correspondência e ali vão procurá-la, o certo é que a maioria não está sempre em expectativa de carta, e seria absurdo que todos fossem diariamente perguntar ao encarregado se têm correio a levantar. Ora, se não for pessoalmente reclamada pelo destinatário, dentro de certo prazo, a correspondência é devolvida ao remetente, sendo, pois, fáceis de calcular os transtornos que isto pode causar.

Portanto, para que o Posto de Correio das Hortas forneça rendimento útil e não constitua benefício ilusório, impõe-se a nomeação dum distribuidor rural, para serviço naquela zona da freguesia. Aqui deixamos o alvitre, a pedido dos interessados.

CONCERTOS DE TROMBETA...

NÃO negamos que seja deveras simpática a classe dos carvoeiros ambulantes, com os seus jumentos e carriolas carboníferas, petrolíferas e similares. Mas que eles, de manhã à noite, nos impingam música à força — e que música! — em despiques de corneta ultrawagneriana, dignos do Juízo Final, contra isso é que protesta a vila inteira, e nós com ela. Valha-nos a Comissão contra os ruídos incómodos!...

Para anunciarem a sua passagem e fomentar a venda do combustível, bastariam uns apitos fortes mas rápidos, e nada de proezas de fôlego nem «sinfonias» estridentes e arripiantes.

De quem de direito, esperamos a fineza dum simples recomendação aos nossos prestimosos «trombeteiros burricomóveis», para que se limitem a tocar só em semifusas discretas e moderadas...

A ÁGUA QUE BEBEMOS

PEDE-SE aos zelosos e competentes Serviços Municipais de Águas que tomem providências contra certos bichinhos avermelhados que estão a aparecer, com frequência crescente, na água das canalizações. Mesmo que não sejam venenosos nem nocivos, são, pelo menos, repugnantes, e nem todos os consumidores podem ter filtros em casa, como aliás seria desejável.

De vez em quando

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

se levanta o problema angustioso de prender o homem à terra. Reporto-me especialmente ao meu conchelo.

A população vive quase exclusivamente da agricultura. Esta é pobre, a terra está esgotada, e quem pode abalar para outros meios que lhe sejam mais propícios e cal, geralmente, na balbúrdia da cidade.

Lá, só ficam os inválidos. Inválidos pela idade, por condições físicas, e os que sendo alfabetos mais dificilmente se deslocam.

Este problema patenteia-se com uma gravidade alucinante, e protelar a sua solução é levar a situações gravíssimas que não são difíceis de prever.

Arranquemos o alfabeto às trevas da sua ignorância, mas criemos-lhe maneira de viver onde está sem penosos gravames. Solucionar um problema, sem resolver o outro, é dar luz aos cegos e não lhes assegurar os caminhos por onde marchem.

Trindade e Lima

VINHOS Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprar, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

O NOSSO INQUÉRITO

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

sidade, o valor cultural, moral e profissional dos habitantes e a sua determinação de afirmar-se, os factores primaciais que fazem duma terra centro de civilização, de progresso e de prosperidade. A um plano secundário ficarão relegados os pergaminhos históricos dum passado a cujos louros se adormeceu, e que, por isso, representam luxo improdutivo, que nem sequer já infunde respeito. Porque nem só de tradições vivem os povos...

Vila Real de Santo António, neste domínio, pode dar lições a muitas terras, pelo grau de adiantamento que logrou atingir em vários sectores de actividade, mercê dos méritos e do esforço dos seus filhos, e não obstante o prolongado ostracismo a que, nalgum tempo, esteve injustamente votada. Agora, que já vai havendo mais clarividência quanto às nossas possibilidades ainda mal aproveitadas, já se verifica a disposição de fazer-nos partilhar do esforço comum pelo progresso nacional, sacando rendimento do que a natureza generosamente ofereceu à nossa terra, e proporcionando aos nossos conterrâneos a oportunidade de mostrar o que valem, quando auxiliados devidamente.

Cabe-nos, por conseguinte, o dever de justificarmos quanta razão nos assistia ao reclamarmos o nosso lugar ao sol. Eis aqui, pois, uma séria determinante para que, neste órgão de imprensa, defensor dos seus interesses e bons créditos, não deixemos cair na penumbra do olvido o que de bom na vila se tenha feito, e mórmente o que poderá vir a realizar-se, no futuro, se...

Mas isso é outra história e para outra ocasião.

Nesta subordinação de ideias, iniciámos o nosso inquérito tendente — como então dissemos — a dar conhecimento (ou a relembrar) a quem de direito e ao público, em geral, do que pensam os interessados, especialmente os exportadores e navegantes, acerca das condições deste porto e das suas futuras possibilidades como empório do sul do País. Já nestas colunas ficaram exarados os depoimentos dalguns distintos oficiais mercantes, nacionais e estrangeiros, e vamos prosseguir hoje com as declarações de mais dois capitães: um italiano e outro alemão, cuja amabilidade em atender-nos é motivo de lhes expressarmos aqui os nossos agradecimentos.

Entramos primeiro no elegante vapor italiano «Ruta», onde somos acolhedoramente recebidos pelo capitão, Signor A. Marchionne, que nos informa ser a primeira vez que vem a Vila Real.

Acha a vila muito asseada, com magnífico aspecto urbanístico, e declara-se encantado pela delicadeza que notou nos seus habitantes. Agradecendo, passamos ao questionário respeitante às condições do porto comercial.

— Acho-o óptimo, sob qualquer aspecto — diz-nos o capitão. — E ficará perfeito, se aumentarem a profundidade da barra.

— E quanto aos trabalhos de carga e descarga? — insistimos.

— Considero-os modelares, e posso afirmar-lhe que considero este porto entre os melhores, sob o aspecto da competência do pessoal de estiva.

— E' de opinião que o porto de Vila Real venha assumir grande importância, no futuro?

— Dada a sua proximidade do Estreito de Gibraltar, pode, sim; mas dependerá de o molhe comportar maior movimento. Também haverá vantagem em reunir aqui as cargas do Sotavento algarvio, o que representaria poupança de tempo e encurtamento das viagens.

Nesta altura... não entrou a polícia, mas tínhamos consumido já quatro «Martins» e alguns «Chersterfield», durante o colóquio, e resolvemos então retirar-nos.

Com a natural efusão latina, despedimo-nos:

— Arrivederla, Capitano Marchionne! Grazie tanto!

Fazemos, a seguir, a nossa abordagem pacífica ao navio alemão M/S «Latona», bela unidade da linha «Neptun», de Bremen. O capitão, Herr Schaefer, é um nauta do tipo germânico puro, e está dito tudo.

Obsequioso, cordial, meticulosamente preciso e metódico na conversação, diz-nos que já por duas vezes tinha entrado a barra do Guadiana, anteriormente, e que acha o porto muito satisfatório. Como parte obrigada do ques-

tionário, passámos às operações portuárias, e o distinto oficial, pousando o cachimbo, diz-nos:

— Acho notáveis a rapidez e a destreza do vosso pessoal, que é também muito cortês e nada conflituoso. Confesso que me surpreendeu a forma hábil como eles manuseiam a mercadoria, sem que esta sofra qualquer dano. Por isso, o trabalho, no vosso porto, pode comparar-se ao dos melhores portos que conheço.

— Jawohl, Kapitän! E que nos diz quanto às possibilidades futuras?

— Sendo este o porto mais acessível do Algarve, há vantagem em concentrar aqui as cargas desta região. Dai adviriam imediatos benefícios para os trabalhadores, para o serviço de arrumação da mercadoria (assim grandemente facilitado), e também para a navegação mercante, a qual deixaria de correr os riscos que enfrenta ao demandar outros portos do Sul.

— Gosta da terra? — continuámos.

— Olhe que a sua «cidade» produz óptima impressão aos forasteiros. Muito limpa, agradável, e boa educação na sua gente. Aproveito o seu jornal para o fazer intérprete dos meus votos por um risonho futuro para esta terra. Pode crer que desejaria voltar cá regularmente.

— Danke schön! — agradecemos, desvanecidos. E já íamos levantar-nos, quando Herr Kapitän Schaefer nos detém:

— Mas espere, nem tudo são elogios. Também tenho uma observação a fazer. Sabe, posuo a bordo um radiotelefone, para comunicar com as agências e armadores. Ora, não seria mau se o posto emissor de Lisboa se aperfeiçoasse um pouco mais, permitindo melhores condições de audição, como acontece, por exemplo, com a «Rádio Nordreich» e outros postos da Europa.

— É tudo quanto lhe merece reparo?

— Ainda há outra coisa: Também seria mais prático e cómodo para os interessados, se em Portugal os preliminares dos carregamentos já estivessem arrumados antes dos navios entrarem nos portos. Ganhava-se tempo. — E agora, até à volta! — rematou, sorridente.

Aperreamos as mãos, prometemos enviar-lhe para a Alemanha o nosso jornal, com a gravura do seu lindo barco, e despedimo-nos:

— Auf Wiedersehen, Herr Kapitän! Boa viagem!

UMA CELEBRAÇÃO QUE TAMBÉM NOS DIZ RESPEITO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dinariamente irrequieto que criou a Empresa, lado a lado com o seu colega, sr. Alfredo Esteves, fê-la prosperar e elevou-a ao nível de eficiência que a tornou um valor nacional, e a um grau de prestígio com repercussões além-fronteiras. Não foi fácil a tarefa, pois teve de vencer todos aqueles muitos obstáculos que incompreensivelmente se antepõem a quem, pretendendo sair da vulgaridade, tudo arrisca para criar obra sólida e produtiva. A melhor definição do esforço do sr. Egas Salgueiro deram-na dois dos oradores das celebrações: o sr. comandante Henrique Tenreiro, classificando-o de amigo do seu País e do progresso da indústria da pesca, e o sr. eng. Higinio de Queirós, ao agradecer à Empresa de Pesca de Aveiro a função útil do seu capital, que tem contribuído para a prosperidade da Nação.

Não nos podia passar inadvertido o 25.º aniversário da empresa aveirense. Ela está ligada à nossa terra por laços que transcendem o cozezinho lado utilitário da vida. Nos cumbrões de uma das nossas mais lindas ruas, ficou um

CHAVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

de Medicina do Porto, um homem, a mostrar-lhe a sua cabeça de macrocéfalo, cabeça que, além de ser muito volumosa, era um tanto disforme.

Esse homem era mais pobre do que permitia a força humana, e, como remate da visita que fizera ao prof. Pires de Lima, pediu-lhe um emprego.

— Tenha paciência, mas não estou em condições de lho arranjar.

O homem insistia, e o professor dizia que não. Até que o macrocéfalo lhe fez esta inesperada proposta, para conseguir algum dinheiro:

— Vendo a minha cabeça ao sr. doutor.

— Para que quero eu a sua cabeça?

— Para figurar no seu Museu, quando eu morrer.

Não nos consta que o prof. Pires de Lima lhe tivesse comprado. Pelo que aconteceu esta triste coisa: o museu ficou sem cabeça, e o mendigo sem pão para a boca.

A porca da vida obriga a estas decisões macabras: vender a própria cabeça!

CONVERSA A DOIS

O fogo dum conversa mantém-se falando de nós próprios, mas sem abuso, discretamente. O que não for isso é narcisismo, é auto-namor, e o nosso interlocutor não nos perdoa esse pecado, bocejando-nos nas meninas dos olhos. Mas, o fogo da conversa mantém-se, outrossim, não esquecendo nós o nosso interlocutor. Devemos procurar ir ao encontro das suas aspirações, das suas ocupações, daquilo que mais lhe agrada.

Em resumo: a conversa há-de ser um binómio de forças que se contrabalançam: falaremos de nós o quantum satis, e do nosso interlocutor o bastante para que ele não escancare a boca até ao umbigo. Foi Hamilton quem disse: «renuncié à amizade de dois homens: à de um, porque nunca me falou de si, e à de outro, porque nunca me falou de mim.»

Cruz Malpique

Columbofilia

Dando cumprimento ao seu programa de treinos, realizou hoje o G. C. Guadiana uma largada, em Olhão.

CASTELHANOS E PORTUGUESES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ra a seu genro, entrando pela Galiza e apoderando-se-lhe de três cidades.

Seguidamente, atacou Badajoz, na posse dos mouros, mas defendido por Leão. D. Afonso Henriques sofreu derrota, e quando retirava quebrou o joelho, — contra o ferrolho da porta e caiu prisioneiro do seu ex-genro. Julgando ir ser morto, ofereceu-lhe todo o reino, como se fosse uma propriedade sua, em troca da liberdade.

— Restitui-me o que me levastes, sem motivo, e guardai muito bem o que vos pertence, papá — foi a resposta do bom rei D. Fernando II.

Tempo depois, em 1171, D. Afonso Henriques encontrou-se prisioneiro dos mouros, em Santarém, sem ninguém que lhe pudesse valer. Mal chegou a notícia a Leão, abalou D. Fernando por aí abaixo, à frente de um valoroso exército, a pô-lo segunda vez em liberdade.

Em 1185, sucedeu no trono português D. Sancho I, e imediatamente começou a trabalhar na organização de um exército e de uma armada, capazes de estender as fronteiras do País ao Algarve. A passagem oportuna de uma armada de cruzados no grande rio, facilitara-lhe a empresa, e em 1189 a cidade e todo aquele reino mouro era nosso.

Uma perda tão grave não podia deixar de ferir o coração do emir Almuade; porém, muito mais profunda seria a dor dos castelhanos, a quem não convinha que a fronteira sul de Portugal ultrapassasse o Tejo!

Mal teve conhecimento da perda de Silves, Iacub-el-Mansur reuniu um potente exército, passou o Estreito de Gibraltar e veio sitiá-la cidade, que se defendeu heróicamente, ajudada por uma tripulação inglesa, de passagem para a Terra Santa.

Como não havia tempo a perder, o emir levantou cerco e caminhou para o norte, pondo tudo a ferro e a fogo até Leiria, que destruiu, levando o terror às portas de Coimbra. D. Sancho ficou prisioneiro em Santarém, onde o foram libertar forças destacadas de uma esquadra inglesa, surta no Tejo.

Umas febres malignas vieram ajudar a boa vontade destes nossos velhos amigos, e os árabes tiveram de retirar, apressadamente, para Sevilha, sob pena de ficarem ali todos sepultados.

Porém, em 1191, Iacub voltou com um exército muito mais poderoso, e não só a cidade de Silves caiu em seu poder, como todas as outras praças, vilas e territórios que possuíamos do Tejo para baixo, excepto Évora!

Das cinco monarquias cristãs da península, nem uma única mandou um soldado em nosso socorro, numa calamidade desta monta. Só de Leão vieram embaixadores do rei D. Afonso IX a Coimbra, pedir ao tio D. Sancho a mão da gentil D. Teresa, para esposa, e com ela uma aliança de família contra Castela, como outrora havia feito seu pai, o rei D. Fernando II.

Outra vez o rei D. Afonso VIII, tudo escangalhou, porque D. Teresa era mais prima de Afonso IX do que D. Mafalda o foi de D. Fernando II. Mas, agora, não ficou a coisa por aqui. O rei de Castela obrigou, por meio das armas, o rei de Leão, divorciado de D. Teresa de Portugal, a casar com D. Berenguela de Castela, sua filha, prima igualmente do noivo! Foi aliado nesta guerra D. Sancho I, que entrou em Leão à frente de um exército e tomou as mesmas cidades que seu pai tomara!

Considerando D. Sancho que para se poder defender dos marroquinos e dos leoneses dispunha de população muito reduzida, deliberou povoar a nação, convenientemente, como já havia começado a fazer no tempo de seu pai.

Para esse fim, mandou a Flandres o bispo que fora de Silves, o qual voltou com uma verdadeira invasão de flamengos, a que a história chamou francos, com os quais fundou e povoou Azambuja

cuja acção provocou ao delegado do Instituto Nacional de Trabalho, ao discursar no Teatro Aveirense, esta afirmação rigorosamente ajustada: «é de homens da tèmpera deste, que Portugal precisa».

e todo o seu termo, até Vila Franca de Xira.

Todos os anos chegavam novas levadas de colonos, e entre 1191 e 1195 foram fundadas e povoadas Vila Verde dos Francos, Lourinhã, Pontével, Torres Novas, Penacova, Gondomar, Fremela, Covelinhos, Souto, Povos, Castanheira, e tantas outras localidades em todo o País.

Em 1199, fundou de raiz a cidade da Guarda e Idanha-a-Nova, repovoou toda a Beira Baixa, dos Montes Hermínios ao rio Tejo, e em 1207, o resto da Estremadura e Ribatejo, enchendo o coração do País de lindas cabeças douradas e de fascinantes olhos azuis, que continuam a reproduzir-se em abundância nestas regiões.

D. Sancho I também era poeta, para seu mal e da nação, e muito chegado às mulheres bonitas, de que os iberos tiraram grande partido. Em 1200, seu filho e herdeiro, D. Afonso, viu-se atacado de uma doença misteriosa, de que ficou monstruosamente obeso aos 15 anos, e desinteressado de tudo que não fosse de uma cupidez doentia.

Em 1208, D. Afonso de Castela mandou, para cuidar dele, como esposa, D. Urraca, que seu pai recebeu todo baboso. Nesse tempo, havia em Portugal uma raça de homens muito cultos e muito patriotas, bons guerreiros, que não faziam versos nem se deixavam embalar pelos cânticos das sereias, e viam mais a dormir do que todos os reis bem acordados — os bispos.

O casamento de um herdeiro de Portugal com uma infanta de Castela era considerado a pior das ruínas, e não se lhe podendo opor eficazmente, moveram-lhe a maior hostilidade, depois de passar as fronteiras. Assim, o bispo do Porto, sendo visitado pelos noivos, não os quis receber debaixo do pálio, do que resultou um conflito bravo entre todo o alto clero e o rei.

De todos os bispos, o que se mostrou mais enérgico foi o de Coimbra, que foi metido na cadeia, por influência de um facinoroso que se introduziu na corte, de nome Julião. No mais aceso do conflito, alguém disse não se sabe que palavras, ao ouvido, que o rei correu à cadeia onde estava encerrado o bispo de Coimbra, e caiu de joelhos a seus pés a gritar:

— Perdão, perdão, perdão!

E só se levantou depois de lhe ouvir afirmar que podia morrer tranqüilo na certeza de que Portugal seria sempre dos lusitanos, houvesse o que houvesse.

Chamou o mordomo-mor, o conde D. Gonçalo, filho e sucessor do conde D. Mendo de Sousa, e recomendou-lhe suas filhas, ameaçadas de roubo, e que os fidalgos fizessem causa comum com o clero da defesa da pátria. D. Gonçalo sabia que todos os filhos do conquistar de Silves ficaram condenados ao ostracismo, e porventura à morte, desde a tomada do Algarve, em 1189.

Só seu sobrinho D. João Garcia gozava de algumas simpatias e confiança dos partidários de Castela. Tendo nesse ano, 1210, nascido ao rei um menino, a quem puseram o nome de D. Afonso, este Sousa fez que fosse dado a criar a sua mulher, e educado por ele.

Este príncipe foi obrigado a sair da pátria, em 1229, com o seu irmão de leite, D. Estevam Anes de Sousa e um trovador D. João de Aboim, os quais foram chamados à pátria em 1146, e chegaram a horas de arrancarem das mãos do filho de D. Afonso II, D. Sancho I, e das garras do filho do rei de Castela, D. Afonso, futuro Afonso I, o sábio, a pátria agonizante, na grande batalha de Abiul, ao pé de Leiria, façanha que Herculano, Chagas, O. Martins e outros, nunca lhes perdoaram!

Sousa Nunes



Confecções Viresa, L. da

FÁBRICA DE CAMISAS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO